

***Floriano de Lemos e as Crônicas Científicas:
uma voz dissonante
sobre a profilaxia da lepra em SP (1945 - 1946)***

CARLA LISBOA PORTO¹

Introdução

Ao iniciar a pesquisa preliminar que deu origem a este artigo², deparei-me com as *Crônicas Científicas* do médico e jornalista Floriano de Lemos, e pude observar uma grande variedade de assuntos abordados na coluna, além daquele em estudo. Os textos, publicados no jornal *Correio da Manhã*, além de apresentar temas de interesse público, também podem ser vistos como veículo de expressão de ideias e valores de um grupo social, em uma determinada época. A coluna, que era dominical, existiu de 1938 até 1968, quando o jornalista faleceu. No entanto, apesar de ter deixado uma produção prolífica, ele ainda é pouco estudado pelos historiadores. Numa busca bibliográfica, foram encontrados quatro artigos a seu respeito (CAMPOS, 2009, 2010, 2012 e 2013), voltados para a área de educação, embora tivessem elementos biográficos do colunista, particularmente sobre suas redes de relações, e locais de trabalho, seja como jornalista ou médico, profissões aliás, nas quais atuava concomitantemente. A partir da leitura das crônicas, alguns destes elementos chamaram-me atenção e levaram-me a algumas questões, que nortearam este texto. Em que medida a trajetória biográfica de Floriano de Lemos influenciou seu posicionamento sobre os leprosários paulistas? Ou, em outras palavras, como suas experiências e vivências influenciaram a escolha de seus temas (ou causas) e a maneira escolhida por ele, para contá-las? Para responder a estas questões, algumas considerações acerca dos intelectuais, suas redes e locais de sociabilidade são fundamentais.

No início do século XX, conjuntura na qual Floriano de Lemos viveu intensamente, a imprensa era, além de espaço de debate de ideias, de projetos de

* Doutoranda em História Social pela *Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho* - UNESP/ Assis. Bolsista FAPESP (processo 2013/16028-1).

² Este artigo é parte do resultado de pesquisa em andamento, que versa sobre as redes e locais de sociabilidades estabelecidas dentro de um antigo leprosário, localizado numa cidade do interior de São Paulo, no período de 1945 a 1962.

progresso para o país, um veículo para educar a população (LUCA, 2005). Era nas páginas dos jornais que diferentes grupos tinham visibilidade e força simbólica para, muitas vezes, apontar posicionamentos e diretrizes. Neste espaço, Lemos mostrava alguns dos elementos considerados importantes para o progresso, naquele contexto, tais como a importância da higiene, da alimentação, bem como do acesso à escola. O próprio jornalista comenta sobre o papel da imprensa:

Na vida intelectual, como no progresso material dos povos, a imprensa aparece como uma das mais poderosas alavancas para levá-los ao nível da verdadeira civilização. Na instrução científica e literária como na educação moral e econômica das nações, a imprensa é ainda um dos mais valiosos fatores que agem na organização dos elementos básicos dessas instituições [...] A imprensa é um poder sobre-humano que vence todos os obstáculos, destrói os mais sólidos edifícios e levanta os ânimos abatidos, transformando-os em energias robustas e benéficas (LEMONS apud CAMPOS, 2012: 50).

Este comentário reitera a crença do autor na imprensa como veículo educativo da população que a conduziria à modernidade almejada, cujas bases estão em referências provenientes do Velho Mundo. Em outras palavras, a imprensa era vista como ferramenta fundamental no processo civilizador³ da sociedade brasileira de então. Assim, era preciso “europeizar” o Brasil, e isso seria possível por meio da valorização da racionalidade, da ciência, do nacionalismo, da disciplina e de outras ideias, como a eugenia, por exemplo. Contudo, o contraste entre o país idealizado e os altos índices de analfabetismo e desemprego, bem como a falta de recursos mínimos de saneamento, tornavam este ideal cada vez mais distante. Diante desta conjuntura, acreditava-se que cabia aos intelectuais encontrar soluções para estas e outras questões sociais. A partir

³ A partir da premissa de que não existe um comportamento *natural* dos indivíduos, Norbert Elias aponta as mudanças sobre o comportamento considerado *adequado*, além da etiqueta e, ao fazer isso, também investiga o que provocou tantas mudanças ao longo do tempo. Elas também dizem respeito aos valores morais e éticos que conduzem as relações dos indivíduos consigo mesmos, com os grupos sociais aos quais fazem parte e com os outros, que também se transformam. Ver: ELIAS, Norbert. *O processo civilizador*. Editora Zahar, Rio de Janeiro, 1994, v.1.

destas ideias para um projeto de Brasil, Floriano de Lemos constituiu e participou de diferentes redes de sociabilidade⁴.

Para além das particularidades e especificidades de um grupo, a sociabilidade diz respeito a um fator de *diferenciação* e de *pertencimento*, bem como da formação de regras de conduta, meios de se relacionar e viver de um grupo social e também com os outros. Neste sentido, as reflexões de Maurice Agulhon (1968) têm sido inspiradoras para trabalhos voltados aos estudos sobre os intelectuais e suas redes de relações, tais como os de Angela Castro Gomes (1993) e de Marco Morel (2001), pois ajudam a compreender melhor a formação e a dinâmica destes grupos. De acordo com o autor, elas são construídas por meio de redes de relações, a partir de elementos que comportam tanto a amizade e a solidariedade, como a rivalidade e a antipatia. Logo, também pode ser permeada por conflitos e disputas.

Vista como instrumento analítico ou categoria histórica, a sociabilidade possui dois sentidos. Um mais amplo, que aborda as *relações sociais*, e um mais circunscrito, ligado a *formas específicas de convivência* entre membros de um grupo, ou ainda, *entre* grupos. Maurice Agulhon afirma que se trata de um fenômeno que é também político, ligado às ideias de civilização, considerando seu contexto e época. Deste modo, vê-se o periódico carioca como local de sociabilidade, tendo em vista os interesses comuns, os valores e a abordagem das “pautas” propostas, os debates e posicionamentos com relação às mudanças conjunturais⁵ e seus desdobramentos.

⁴ Nos estudos sobre os intelectuais, a noção de sociabilidade, definida por Maurice Agulhon como categoria descritiva de um grupo, com seus valores, práticas e singularidades, é também uma espécie de “suporte social” de modernas formas de politização. Ver: AGULHON, Maurice. *Pénitents et franc-maçons dans l’ancienne Provence*. Paris, 1968.

⁵ É possível identificar quatro fases no jornal, de acordo com as mudanças de diretores. A primeira, de 1901 a 1929, durante a Nova República, sob direção de Edmundo Bittencourt; a segunda fase, de 1929 a 1963 – sob direção de Paulo Bittencourt, filho de Edmundo, terceira fase, de 1963 a 1968, sob a direção da viúva de Paulo Bittencourt, Niomar Muniz Sodré Bittencourt, que juntamente com outros diretores, foi presa no Rio de Janeiro, em 1969, em decorrência de seu posicionamento contra a ditadura militar. Na última fase, de 1969 até 1975, quando deixa de circular definitivamente, o jornal fora arrendado a um grupo de empresários, devido a graves problemas financeiros, em decorrência da ditadura, assumindo o discurso oficial do governo. Em 1975, o jornal encerra suas atividades, ao anunciar um leilão para sanar as dívidas contraídas anteriormente, em decorrência da diminuição de anúncios e leitores. Ver: LEAL,

A sociabilidade pode ser vista como elemento que estrutura as relações, seja em “mundos particulares” ou, uma “micro-cidade”, entremuros. Como local de sociabilidade, o *Correio da Manhã*, fundado em 15 de junho de 1901, por Edmundo Bittencourt, era conhecido por ser “de opinião”. Possuía uma estrutura de organização, cujas formas se modificaram ao longo do tempo⁶, constituídas em um espaço, onde as ideias poderiam circular, tomar forma e se transformar. Além do aspecto físico, também constituiu-se no âmbito dos vínculos, dos amores e ódios, das amizades e rivalidades, ou ainda, na expressão da solidariedade e de afinidades, sejam elas científicas, políticas, estéticas, morais e de outras ordens. O próprio cronista é quem define esta rede: “O *Correio da Manhã* era organizado como se fosse uma única família. Todos se consideravam irmãos uns dos outros. Queriam-se bem, muito bem.”⁷

Embora fizesse parte de um grupo de intelectuais⁸ que buscava soluções para o Brasil, o “cientista viajante”, cujo olhar sobre o Brasil era “ao mesmo tempo curioso e antropológico” (CAMPOS, 2013: 1336), tinha singularidades que se expressavam, não só em seus textos, mas também em suas relações. No entanto, sua trajetória biográfica, com suas peculiaridades e seus posicionamentos, só pode ser percebida em relação com a época em que o jornalista viveu. Não se pode negar a influência proveniente de seu tempo, tampouco das redes e espaços de sociabilidades por onde circulou. Criadas e

Carlos Eduardo. *Correio da Manhã*. In: ABREU, Alzira de (coord.). *Dicionário Histórico Geográfico Brasileiro – pós 1930*, v. II. Rio de Janeiro: FGV, CPDOC, 2001, p. 1625- 1632.

⁶ Fundado em 15 de junho de 1901, por Edmundo Bittencourt, com distribuição diária e matutina, o *Correio da Manhã* era conhecido por ser “de opinião”, com um discurso de isenção partidária. Apresentava-se como defensor da justiça e do direito do povo, mas o periódico era, antes de tudo, de caráter *oposicionista* (LEAL, 2001). Posteriormente, depois de ter sua circulação interrompida na década de 1920, mudaria de posicionamento, ao apoiar Getúlio Vargas durante o governo provisório, nos anos 1930. Contudo, o jornal reafirmava sua postura *anti-partidária* ao apoiar o movimento constitucionalista, em São Paulo, ainda que fosse censurado em alguns de seus editoriais, ao longo da primeira metade da década. O jornal posicionou-se contra o Estado Novo, apoiou a posse de Juscelino Kubitschek contra a UDN, para, em seguida, fazer-lhe oposição. Também criticou o governo de João Goulart e o periódico sofreu sérias sanções durante a ditadura militar, até seu fechamento, em 8 de julho de 1974.

⁷ LEMOS, F. de. *A vida que levei*. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 9 nov. 1958. *Crônica Científica*, p. 2. Ainda que a citação seja de um período posterior ao escopo deste artigo, ela foi considerada pois, expõe a representação que Lemos fazia de seu próprio grupo, “da velha guarda”.

⁸ Entre os intelectuais que faziam parte de sua rede de relações estavam Aurélio Buarque de Holanda, Luiz Edmundo, José Veríssimo, Graciliano Ramos, Antônio Callado, Carlos Drummond de Andrade, entre outros.

estabelecidas ao longo da vida, elas serviram para expressar e disseminar suas ideias, motivações e aspirações, bem como legitimar causas e valores, como podem ser vistos em sua produção como intelectual⁹.

Floriano de Lemos e suas Crônicas Científicas

Nascido em 1885, no Rio de Janeiro, Floriano de Lemos, que na verdade, se chamava Eduardo¹⁰, só pôde frequentar a escola em 1900, devido a um grave problema ocular durante a infância e, por isso, fora alfabetizado em casa. Em 1904 entrou na faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, onde trabalharia, recém formado, como professor, de 1908 a 1914. Ao contrário de boa parte de seus colegas de faculdade, teve que trabalhar para custear seus estudos. Além de jornalista promissor (desde 1906, no *Correio da Manhã*) e estudante de medicina, também foi músico e compositor profissional, tocava piano em bares, cafés, clubes e grêmios da cidade (CAMPOS, 2013: 1340). Posteriormente, além do trabalho como médico e professor, manteria seu emprego como cronista no jornal até sua morte, em 1968, em decorrência de um acidente vascular cerebral, aos 83 anos.

Durante alguns períodos de sua vida, Lemos atuou fora do Rio de Janeiro. Entre 1913 e 1914, e depois, em 1924 e 1925, trabalhou como médico e professor na cidade mineira de Caxambu, onde também ajudou a fundar o *Jornal de Caxambu* e a *Revista de Caxambu*. Neste ínterim, em 1917, morou em Cuiabá e, entre 1926 e 1930, esteve no

⁹ Na crônica *A vida que levei*, publicada em 9 de novembro de 1958, ele se identificava como um escritor “enciclopedista”, devido à sua tentativa de abordar uma gama ampla de áreas do conhecimento, visando esclarecer e instruir o leitor. Esse discurso diz muito sobre o jornalista, mas também oferece indícios importantes sobre os valores dos intelectuais de sua geração. Ver: LEMOS, F. Opus Cit, 9 nov. 1958, p. 2.

¹⁰ Eduardo de Lemos incorporou *Floriano* ao nome, ainda adolescente, para homenagear Floriano Peixoto, a quem admirava por seus ideais nacionalistas. Raquel Discini Campos, ressalta a existência de elementos nacionalistas nas crônicas o jornalista. Ver: CAMPOS, Raquel Discini. *Floriano de Lemos no Correio da manhã, 1906-1965*. História Ciência e Saúde. Manguinhos, Rio de Janeiro, v. 20, supl. Nov. 2013, p. 1333-1352.

interior de São Paulo. Em São José do Rio Preto, tornou-se “em curto espaço de tempo, uma das figuras públicas mais atuantes da vida cultural da região” (CAMPOS, 2013: 1338-39). Naquela cidade, foi fundador do jornal *A Cultura* e participou ainda como colaborador e editor em outros periódicos. Além de suas atividades como jornalista, fundou e dirigiu, em 1926, a Sociedade de Medicina e Cirurgia de São José do Rio Preto, onde ajudou a desenvolver políticas públicas de saneamento importantes para a região. Assim, além de estabelecer novas redes de sociabilidade, por meio da criação de campanhas de intervenção social, como vacinação, aleitamento materno, controle de epidemias, pôde garantir outros espaços para divulgar e difundir seus projetos e ideias para o desenvolvimento do país.

A análise das *Crônicas Científicas* tem nas reflexões de Pierre Bourdieu (2000) sobre as biografias (como objeto de estudo ou fonte histórica, bem como suas peculiaridades) importantes subsídios para o seu entendimento. Por serem crônicas que contêm em sua narrativa, elementos biográficos, como será melhor abordado adiante, estas reflexões teóricas e metodológicas se fizeram necessárias. Trata-se, portanto, de um esforço para descobrir quais sentidos se pretende atribuir à esta narrativa sobre si, sua relação com o mundo e os demais, como observa Gomes.

O ponto central a ser retido é que, através desses tipos de práticas culturais, o indivíduo moderno está constituindo uma identidade para si através de seus documentos, cujo sentido passa a ser alargado. Embora o ato de escrever sobre a própria vida e a vida de outros, bem como de escrever cartas, seja praticado desde há muito, seu significado ganha contornos específicos com a constituição das práticas culturais é a emergência histórica desse indivíduo nas sociedades ocidentais. (GOMES, A. C. 2004:11)

Ao estudar a trajetória biográfica construída por Floriano de Lemos nos textos publicado em *Crônicas Científicas*, não são só suas singularidades que podem ser notadas, mas também elementos de seu tempo, de seu grupo social e de sua visão de mundo. Além disso, a própria narrativa contempla a abordagem de questões sociais candentes naquele contexto, como a necessidade de superar o analfabetismo, a pobreza e as epidemias para chegar ao progresso. Estas questões, revelam as contradições de um país que buscava a modernidade, (representada, nas crônicas, pelas mudanças arquitetônicas e urbanísticas da então capital federal), mas que ainda não conseguira

solucionar problemas crônicos como a carência de saneamento básico, na maioria das cidades, por exemplo. Não se tratava apenas de denúncias sobre as desigualdades sociais, ou das memórias de suas andanças pelo país, mas de seu *testemunho*, como “médico da roça”, como ele mesmo se definiu, em uma de suas crônicas.

Recebido festivamente por grande comissão de moradores do lugar, agradou-me experimentar uma nova vida: a de médico da roça. Esqueci, nesse passo, que era docente da Faculdade de Medicina do Rio, que escrevia no Correio da Manhã, que clinicava aos bairros nobres da cidade (Botafogo, Laranjeiras, Tijuca), que tinha até então, uma existência inteiramente outra.
(LE MOS, F. 16 nov. 1958, p. 2.)

Por meio de seus textos¹¹, é possível observar, além de uma escrita de si, seu esforço em criar espaços, como já foi mencionado, não só de divulgação de seus ideais de modernidade, mas também de produção e divulgação da prática médica, como associações, conferências, aulas e debates. Por meio da educação e instrução para novas práticas de higiene e saúde, seria possível melhorar as condições de vida das pessoas. Este seria, talvez, o caminho encontrado por ele para contribuir com o desenvolvimento das cidades por onde passou.

Com tantas atribuições e frentes de atuação, Lemos pode ser visto, no contexto deste artigo, como intelectual polígrafo¹². Ou seja, sujeito de múltiplos interesses e atividades na vida pública, no seu caso, como médico, jornalista, conferencista e educador em diversas instituições, como as faculdades de Medicina, Farmácia e de Direito no Rio de Janeiro e em Minas Gerais. Daí, viria a diversidade de temas abordados em suas crônicas, que não se limitavam a falar de assuntos científicos, mas

¹¹ Embora a análise neste artigo contemple o biênio 1945 -1946, não se pode perder de vista elementos relevantes, que podem contribuir para enriquecê-la. Existem registros de crônicas abordando a “questão da lepra” desde o início da sessão. A escolha do período em análise, deveu-se ao acirramento no debate sobre este tema, considerando o crescente número de denúncias por improbidade administrativa, má gestão de recursos e aos procedimentos com relação à doença no estado de São Paulo.

¹² De acordo com a definição de Sérgio Miceli, *intelectual polígrafo* é aquele cuja produção intelectual, situada no fim do século XIX e durante o século XX, é bastante diversificada, disseminando gostos, hábitos de consumo e práticas sociais nos ambientes urbanos. Essa diversidade deveu-se à uma atuação híbrida na sociedade em que vivia, seja como conferencista, músico, palestrante, ou ainda, no caso de Floriano de Lemos, médico, entre outras ocupações. O jornal seria, portanto, o *habitat* deste intelectual que teria, além de espaço para divulgar e fazer circular suas ideias, uma fonte de renda substancial. VER: MICELI, S. *Intelectuais à brasileira*. São Paulo: Companhia das letras, 2001.

que também buscavam inseri-los em outros aspectos de sua narrativa. Entre os temas mais recorrentes estavam os relatos de viagens, história da Medicina e da Ciência, bem como de sua institucionalização. Além disso, abordava reminiscências e memórias do Rio de Janeiro “de outros tempos”, artes, direito e criminologia, puericultura e profilaxias de epidemias, particularmente da tuberculose e sífilis. Também havia espaço para abordar outras doenças como câncer, diabetes, alcoolismo, bem como problemas causados em decorrência da falta de higiene e da desnutrição, em particular, a hanseníase¹³, ainda conhecida como lepra, na época.

Como jornalista e médico, dedicava-se a instruir e informar a população sobre a doença, seus perigos e sobre as condições de tratamento existentes. Escreveu diversos textos com denúncias e críticas severas às políticas públicas adotadas com relação ao isolamento obrigatório de hansenianos, em vigor desde o início da década de 1930, e que já era pauta das *Crônicas Científicas*, em 1939.

Ninguém evita o tuberculoso, o sífilítico, o canceroso. Suas casas são frequentadas pelos que se julgam sadios, eles têm amplas relações e gozam de todos os direitos no meio social. O morféptico, porém, foi colocado à parte no mundo. Por que? Não há uma razão médica. O vírus do mal de Hansen, não se transmite por herança, como o vírus da sífilis; não tem a virulência que oferece o bacilo de Koch; as suas lesões deformantes desaparecem em geral pelo tratamento, causando menor número de mutilações do que as lesões cancerosas destruídas pela cirurgia moderna.

Não há, portanto, uma razão médica. A única razão existente para justificar o desprezo a que foram condenados os hansenianos, reside no seguinte: são portadores de uma peste em evidencia. Nada mais. As outras pestes ocultam-se. A lepra é sincera, não engana ninguém. O lázaro traz, na máscara fisionômica que apresenta ao mundo e nas mãos nodosas ou aleijadas que estende ao seu semelhante, o diagnostico fácil do seu mal.

(LEMOS, F. 25 jun. 1939, p. 7)

A discussão sobre o assunto, bem como suas críticas, tomaria grandes proporções nos anos seguintes, resultando no pedido de demissão do então Diretor do

¹³ Neste artigo será adotado o nome lepra por ser o de uso mais corrente na época, embora houvesse outras denominações e eufemismos, como Mal de Hansen, Mal de Lázaro, morfeia, entre outros.

Departamento de Profilaxia da Lepra¹⁴, Dr. Francisco Salles Gomes Filho, em sete de setembro de 1945.¹⁵

“A odisseia dos Lázaros” nas Crônicas Científicas

Com o intuito de conter uma crescente epidemia da lepra no estado de São Paulo na década de 1930, adotou-se uma política de controle profilático a partir do isolamento compulsório de todos os portadores da doença. Para atender esta demanda, foi criada uma rede de cinco asilos-colônia¹⁶ para receber o número cada vez maior de pessoas contaminadas em São Paulo e nos estados vizinhos. Todos eles eram administrados pelo Departamento de Profilaxia da Lepra (DPL), com sede na cidade de São Paulo. Esta estrutura serviu de modelo para outros estados e ficou conhecida como “modelo paulista” (MONTEIRO, 1995: 217), embora houvesse oposições a ele. O modelo consistia na sistematização de três procedimentos: o aviso compulsório no caso de contágio de doenças infectocontagiosas¹⁷; a internação obrigatória dos doentes e o encaminhamento de seus filhos, doentes ou não, aos chamados preventórios.

Para implantar esta estrutura isolacionista, portanto, de *exclusão social*, foi preciso respaldo político e de setores da sociedade civil para obter recursos financeiros. A partir da premissa de que o transmissor da doença era o *doente*, a ideia de separá-lo

¹⁴ Mesmo com a mudança na direção do DPL, o debate sobre a internação compulsória continuou nos anos seguintes. As discussões sobre a eficácia dos novos tratamentos (as drogas Promin e Diazona) se intensificaram, desenhando novas questões, com relação aos doentes. A partir da possibilidade de cura, a reinserção social dos ex-pacientes e suas relações constituíram uma nova abordagem, pela imprensa, sobre a lepra e as políticas públicas voltadas para sua gestão. Esta discussão ainda está em análise, na tese em andamento.

¹⁵ CORREIO DA MANHÃ. *Demissão do Diretor do Departamento de Profilaxia da Lepra, de São Paulo (DPL)*. 7 set. 1945, p. 3.

¹⁶ Os asilos-colônia são: *Asilo-colônia Aimorés*, na cidade de Bauru, *Asilo-colônia Cocais*, na cidade de Casa Branca, *Asilo-colônia Padre Bento* em Guarulhos, *Asilo-colônia Pirapitingui* em Itupeva e *Asilo-colônia Santo Ângelo*, em Mogi das Cruzes.

¹⁷ De acordo com o Decreto 5156, de 8-03-1904, as doenças que deveriam ser notificadas eram, além da hanseníase: peste, febre amarela, cólera, varíola, difteria, infecção puerperal, tifo, febre tifoide, tuberculose, impaludismo, escarlatina e beribéri. BRASIL. Decreto Federal 5156 de 8 de Março de 1904. Código Sanitário, Regulamento dos serviços Sanitários a cargo da União, da Diretoria Federal de Saúde Pública. Coleção de Leis do Brasil. Disponível em: <http://senado.gov.br/sf/legislação>. Acesso em 17 de nov. 2010.

da comunidade tomou força. Acreditava-se que, ao isolar a “causa” da transmissão, ou seja, o indivíduo, a endemia teria fim. No Brasil, a discussão sobre a necessidade de separá-los do resto da sociedade, ainda no início do século XX, originou, segundo a historiadora Yara Nogueira Monteiro, duas “correntes” médicas. São elas: os *humanitários*, que defendiam medidas menos rigorosas no tratamento e os *isolacionistas*, que acreditavam nesta medida para conter o avanço da endemia. Oswaldo Cruz, um dos mais radicais, chegou a propor que os doentes fossem levados para a Ilha Grande, no Rio de Janeiro, para confiná-los e evitar o contato com pessoas sadias.

Para responder às críticas ao modelo paulista ao longo de sua existência, havia a necessidade, por parte do governo estadual, de elaborar um discurso para atenuar a má impressão causada pelo isolamento compulsório. Se na década de 1930, foi preciso convencer a população sobre a importância da implantação destas medidas, a partir dos anos 1940, haveria a necessidade de legitimar sua manutenção.

Foram analisados textos publicados sobre a temática no período mencionado devido ao grande número de denúncias sobre as condições dos leprosários paulistas, em decorrência do modelo profilático adotado, criticado severamente por Floriano de Lemos. A partir das primeiras análises das notícias publicadas durante o ano de 1945, em dois periódicos de grande circulação, foi possível observar alguns dos elementos presentes no discurso construído para os asilos-colônias, seus internos e o modelo paulista, propriamente dito. Existem, contudo, registros sobre “a questão da lepra” desde o surgimento das *Crônicas Científicas*, em 1938. Neles, Lemos adotava sempre um tom pedagógico, contextualizando as denúncias a partir da decisão do DPL em manter o regime de internação compulsória.

Além das críticas ao modelo paulista, o autor abordou questões jurídicas, relacionadas diretamente aos internos, seja sobre a dissolução de matrimônios entre casais em que um dos cônjuges fosse hanseniano, ou na perda do direito à propriedade, entre outras questões¹⁸. Ao contemplar esta abordagem ao tema “lepra”, nota-se a diversidade de nuances a serem consideradas com relação aos doentes, que não se

¹⁸ LEMOS, F. *Direitos dos leprosos*. Correio da Manhã, Rio de Janeiro, 9 jun. 1939. *Crônicas Científicas*, p. 7.

limitam à questão de saúde pública, mas também de direitos civis, como o voto, que seria concedido na década de 1950. Se no jornal *O Estado de S. Paulo*, prevalecia um discurso legitimador das ações profiláticas adotadas no estado, o *Correio da Manhã* se contrapunha à esta abordagem. A coluna *Crônicas Científicas* era um espaço de fortes críticas ao DPL e ao sistema de isolamento criado para receber os hansenianos. Contrariando a abordagem de “instituição modelar” divulgada pelo jornal paulista, o colunista expunha as más condições em que viviam os doentes, como no longo texto *Drama dos lázaros internos*, publicado em 17 de junho de 1945. Num momento, o autor expõe uma primeira impressão sobre o local:

4. A obra por fora

E no fim de alguns anos, o Estado de São Paulo, depois de uma grande luta em prol de tão generoso ideal, possuía, não um leprosário modelo, mas toda uma verdadeira Leprolândia, formada por cinco asilos-colônia onde estavam isolados para, mais de oito mil enfermos.

O aspecto panorâmico da obra, no seu conjunto era encantador. As instalações pomposas. Pode-se dizer, sem exagero, dar a tudo uma impressão de luxo, pelo menos externamente. O visitante, recebido em salões bem mobiliados, em seguida a passear por jardins cheio de flores, vendo escolas dentro da colônia, cinema, teatro e biblioteca, ficava apenas extasiado diante dessa obra de isolamento dos lázaros, que era toda feita, em todos os sentidos, por assim dizer, por um único homem – o dr. Salles Gomes, diretor do departamento de Profilaxia da Lepra do Estado.

(LEMOS, F. 17 jun. 1945, p. 2)

Para, em seguida, mostrar um contraste:

5. A obra por dentro

Infelizmente, não se ajuntava, no serviço do DPL, la voix au plumage.

As palavras de Neiva e Ribas – esta era a verdade – haviam sido pervertidas. Prisão e degredo. Nenhuma esperança. Nem tranquilidade, nem paz lá dentro. Cada asilado mais aprecia um criminoso cumprindo severa pena. O isolamento desumano, à maneira do que se fazia no tempo de Moisés.

O homem tornado uma coisa.

E quando caso o internado fugia, para livrar-se das torturas e matar a saudade dos seus, era recapturado, logo, a fim de gemer três ou seis meses numa cela escura e infecta, onde os germes do mal, se existissem no corpo do doente, encontrariam um clima admirável para matar de vez a pobre vítima... (LEMOS, F. Op. Cit. 1945, p. 2)

Ao consultar notícias correlatas publicadas no jornal *O Estado de S. Paulo* e compará-las aos conteúdos sobre o tema nas *Crônicas Científicas*, a diferença de

abordagem sobre o tema é evidente. O jornal paulista dá ênfase ao grande número de visitas feitas “ao modelar leprocômio”, valorizando a estrutura física (jardins, escolas, oficinas, biblioteca, etc.), bem como a ordem e a disciplina, em detrimento das condições dos internos, para quem a estrutura fora construída.

Visita ao Asilo-colônia Aimorés

No domingo último, o Asilo-Colônia Aimorés recebeu a visita de uma comissão de espiritas, desta cidade [Bauru], composta de 30 pessoas, como uma demonstração de solidariedade e fraternidade cristã para com os hansenianos ali hospitalizados. Os visitantes recebidos pelos membros da direção do hospital tiveram ocasião de admirar a ordem, a disciplina, o asseio e a eficiência em que decorre a vida no modelar leprocômio de Aimorés, de onde regressaram depois de prolongada demora.

(O ESTADO DE S. PAULO. *Visita ao Aimorés*, 23/4/1945, p. 6)

Nas *Crônicas Científicas*, a abordagem de Lemos volta-se para as condições em que se encontravam os doentes, por isso, o alto número de críticas e de denúncias. O tom de seus textos tornou-se mais áspero em meados de 1945, quando o médico e jornalista foi informado pela então presidente da Cruz Vermelha em São Paulo, Conceição Neves Santamaria¹⁹, das condições observadas por ela e um grupo de jornalistas que a acompanhou, em visitas aos cinco asilos-colônia paulistas²⁰. No trecho abaixo, o jornalista dirige-se diretamente ao Diretor do DPL:

(...)preciso, neste caso, dizer-lhe duas coisas:

a) que desde sua entrada para o serviço de profilaxia, não tem conta as queixas, conflagrações, os protestos, pedidos de habeas corpus, etc., partidos dos doentes, por causa do modo desumano por que são tratados. Entretanto, isso nunca aconteceu nas gestões Zamith, José Maria Gomes, Aguiar Pupo e Souza Araujo, nomes ainda agora venerados por todos os antigos lázaros de São Paulo.

b) que no curto período Salles Gomes (cerca de 14 anos), a lepra, em vez de diminuir, cresceu assustadoramente em São Paulo, surgindo novos casos por toda parte. Basta citar que em 1940 estavam fichados 44296 doentes, e já em 1942, o número subia para 53371, cabendo a São Paulo, neste doloroso cômputo, cifra de mais de 1461! (LEMOS, F. 5 ago. 1945, p. 2)

¹⁹ Uma das defensoras da “causa hanseniana” em São Paulo, se tornaria, ainda naquela década, deputada estadual pelo PSD, e seria considerada, pelos doentes, como “mãe dos hansenianos”.

²⁰ LEMOS, F. *O drama dos lázaros internados*. Correio da Manhã, Rio de Janeiro, 17 jun. 1945. *Crônicas Científicas*, p. 2; e LEMOS, F. *A pior das mentiras*. Correio da Manhã, Rio de Janeiro, 22 de jun. 1945. *Crônicas Científicas*, p. 4.

Outro aspecto relevante diz respeito ao significado atribuído a algumas palavras, embora as naturezas dos textos estudados sejam diferentes, tendo em vista o caráter dos textos de Floriano de Lemos. Foram considerados neste caso, como elemento de análise, aqueles presentes nos discursos empregados nos dois periódicos. Se n' *O Estado de S. Paulo*, as críticas eram dirigidas *àqueles que se opunham* ao modelo paulista de combate à lepra, para Floriano de Lemos, o *próprio modelo* já era motivo de crítica. Com relação aos internos, ambos periódicos utilizaram adjetivos para descrevê-los como *vítima*. A diferença, no entanto, está *naquilo que os colocaram nesta condição*. Para o jornal paulista, *a doença* tem o papel de algoz, mas para Floriano de Lemos, são *as condições dos "asilos-colônia"* que tornam os internos vítimas, não só da doença: mas, principalmente, *do sistema que os mantém confinados*.

Embora as críticas e denúncias ao modelo paulista e sua gestão, resultassem na demissão do então diretor do DPL, Floriano de Lemos faria outras críticas no ano seguinte, em várias ocasiões, como por exemplo, a má qualidade da alimentação fornecida aos internos²¹ ou, ao que ele definia como a "indústria da lepra":

Ninguém viu ainda um homem pegar lepra em outro homem, nem a ciência atual, pela opinião do grande Manalang, o admite. Trata-se indiscutivelmente de doença infantil, da idade jovem. Mas fica o lázaro impedido de ter uma existência normal desde que foi um dia fichado. Entretanto, são os médicos que recebem ordenado do governo. Para quê? Para perseguir e apavorar sãos e doentes? E a verdade é que só com isso terão os médicos garantido o seu emprego. Extinta a peste, não terão mais o que fazer...

(LE MOS, F. 26 de jul. 1946, p. 8)

No início do texto, cujo trecho foi citado acima, o autor lança mão de um episódio de sua vida como introdução ao tema principal: a crítica à prática médica, mas também ao seu aspecto financeiro.

A vantagem de já ter a gente vivido muito... Ia eu, defendendo a minha tese de doutoramento. Quando o professor Miguel Pereira, que fazia parte da banca examinadora, disse da admiração que lhe causara ver no meu trabalho, como se fosse coisa digna de registro, uma simples anedota (...) Lá estava consignado que o médico (...) [deveria receber] seus honorários quando seus clientes gozavam de plena saúde.

²¹ LEMOS, F. *A alimentação dos Lázaros*. Correio da manhã. Rio de Janeiro, 20 out. 1946. Crônicas Científicas, p. 2.

Passaram-se 37 longos anos. O mundo sofreu as reviravoltas que lhe trouxeram as Grandes Guerras, a arte de Hipócrates enveredou pelo rumo da higiene pública, os facultativos tornaram-se sanitaristas, e por fim, Bernard Shaw, em recente artigo no Times, tendo em vista o costume dos esculápios ainda se cobrarem contando o número de visitas aos doentes, taxa-o de sistema monstruoso, não próprio de um século caracterizado pelas conquistas da profilaxia e da educação. (LEMOS, F. 26 de jul. 1946, p.8)

Além disso, pode-se observar indícios de gostos literários, ao citar o artigo de Bernard Shaw para esboçar não só uma mudança de “costumes” com relação à prática médica, mas também seu olhar sobre o mundo. Como médico, ele poderia, como muitas vezes o fez, lançar mão de argumentos no campo da medicina para criticar a instituição hospitalar, mas em diversas ocasiões, ele preferiu usar de outra estratégia: usar a escrita de si. Ao falar de suas experiências, de suas memórias, ele reapresenta seu projeto de prosperidade para o Brasil, por meio da valorização da educação e da instrução.

Considerações finais

A formação em Medicina deu a Floriano de Lemos subsídios específicos para defender suas convicções sobre os leprosários e a situação dos doentes, ainda que parte da comunidade médica se opusesse a ele. No entanto, *a dimensão política* observada pelo *jornalista* sobre o tema, seja a partir das denúncias de maus tratos, ingerência administrativa, entre outras questões envolvendo o modelo paulista, fez com que o *médico* tivesse condições de atuar de maneira mais contundente sobre estas questões.

Floriano de Lemos conhecia um Brasil que muitos colegas de ofício desconheciam, com muitas deficiências e carências, o que fez saltar aos olhos, além das profundas desigualdades sociais, o *aspecto humano* sobre a lepra, em detrimento da valorização da instituição, chamada por ele de *rede leprosarial*, ou de maneira pejorativa, como *leprolândia*. A partir de sua vivência, ele pôde mostrar os doentes vitimados duplamente: pela *doença* e pela *estrutura* criada pelo estado para lidar com ela. Suas denúncias chamavam a atenção para a *dimensão política* atribuída à doença e isso incluía a *classe médica especialista*, que a partir desta estrutura, também criou espaços de legitimação como por exemplo, a criação de uma revista de leprologia, publicada pelo DPL.

Fica claro, em suas crônicas, que seu projeto de país desenvolvido não estava ligado necessariamente à valorização de instituições “modelares”, embora devesse sua formação de médico à academia e tivesse ajudado a criar diversas associações, ou ainda, contribuído na formação de outros médicos. Tratava-se antes, de criar mecanismos para sanar problemas elementares e de instruir as pessoas para terem melhores condições de vida, criando assim, estratégias para pôr em prática, senão em parte, seu projeto de modernidade.

Referências bibliográficas

AGULHON, Maurice. *Pénitents et franc-maçons dans l'ancienne Provence*. Paris, 1968.

BRASIL. Decreto Federal 5156 de 8 de Março de 1904. Código Sanitário, Regulamento dos serviços Sanitários a cargo da União, da Diretoria Federal de Saúde Pública. Coleção de Leis do Brasil. Disponível em: <http://senado.gov.br/sf/legislação>. Acesso em 17 de nov. 2010.

BOURDIEU, Pierre. *A ilusão biográfica*. In: FERREIRA, M. de M.; AMADO, J. *Usos e abusos da História Oral*. 3ª Edição. Rio de Janeiro: FGV, 2000.

CAMPOS, R. D. de. *Florianópolis de Lemos e a Educação brasileira via jornais (1906-1965)*. ANPUH – XXV Simpósio Nacional de História. Fortaleza, 2009.

_____. *Um intelectual viajante: Florianópolis de Lemos no sertão paulista (1926 – 1930)*. Revista Brasileira de História. São Paulo, v. 30, nº 60, 2010. p. 157 -173.

_____. *No rastro de velhos jornais: considerações sobre a utilização da imprensa não pedagógica como fonte para a escrita da história da educação*. Revista Brasileira de História da Educação. Campinas, SP, v. 12, n. 1 (28), p. 45-70, jan/abr. 2012.

_____. *Florianópolis de Lemos no Correio da Manhã, 1906 -1965*. História Ciências, Saúde. Manguinhos: Rio de Janeiro, v.20, supl., nov. 2013, p. 1333 – 1352.

ELIAS, Norbert. *O processo civilizador*. Editora Zahar, Rio de Janeiro, 1994, v.1.

GOMES, A. C. Essa gente do Rio... intelectuais cariocas e o modernismo. *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, vol. 6, n. 11, 1993, pp. 62-77.

_____. (org.) *Escrita de Si: escrita da História*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

LEAL, Carlos Eduardo. *Correio da Manhã*. In: ABREU, Alzira de (coord.). *Dicionário Histórico Geográfico Brasileiro – pós 1930*, v. II. Rio de Janeiro: FGV, CPDOC, 2001, p. 1625- 1632.

LUCA, Tânia Regina de. Fontes impressas: História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanesi, LUCA, Tânia Regina de (Orgs.) *O historiador e suas fontes*. São Paulo: Ed. Contexto, 2005.

MICELI, S. *Intelectuais à brasileira*. São Paulo: Companhia das letras, 2001.

MONTEIRO, Y.N. *Da maldição divina à exclusão social: um estudo da Hanseníase em São Paulo*. Tese de Doutorado. USP, 1995.

MOREL, Marco. Sociabilidade entre luzes e sombras: apontamentos para o estudo históricos das maçonarias da primeira metade do século XIX. *Estudos históricos*, Rio de Janeiro: nº 28, 2001, p. 3-22.

Fontes analisadas

CORREIO DA MANHÃ. *Demissão do Diretor do Diretor da lepra, de São Paulo (DPL)*. 7 set. 1945, p. 3.

LEMOS, F. *Coisas da vida*. Correio da Manhã, Rio de Janeiro, 16 nov. 1958. *Crônicas Científicas*, p. 9.

LEMOS, F. *Direitos dos leprosos*. Correio da Manhã, Rio de Janeiro, 25 jun. 1939. *Crônicas Científicas*, p. 7.

_____. *O drama dos lázaros internados*. Correio da Manhã, Rio de Janeiro, 17 jun. 1945, *Crônicas Científicas*, p. 2.

_____. *A pior das mentiras*. Correio da Manhã, Rio de Janeiro, 22 jun. 1945. *Crônicas Científicas*, p. 4.

_____. *Leprosários paulistas*. Correio da Manhã, Rio de Janeiro, 5 ago. 1945. *Crônicas Científicas*, p. 2.

_____. *Bernard Shaw e os médicos*. Correio da Manhã, Rio de Janeiro, 26 jul. 1946. *Crônicas Científicas*, p. 8.

_____. *A alimentação dos Lázaros*. *Crônicas Científicas*, Rio de Janeiro, 20 out. 1946, p. 2.

_____. *A vida que levei*. *Crônicas Científicas*. Correio da Manhã, Rio de Janeiro, 9 nov. 1958. *Crônica Científica*, p. 3.

_____. *A vida que levei*. *Crônicas Científicas*. Correio da Manhã, 16 de nov. 1958, p.2.

O ESTADO DE S. PAULO. *Visita ao Aimorés*, São Paulo, 23 abr. 1945, p. 6.